

Eduardo Lourenço

Entrevistado por Maria Augusta Silva

EXCERTOS DA ENTREVISTA EM MODO ÁUDIO

DEZEMBRO 2003

É o mais brilhante pensador português moderno de projeção internacional. Uma vasta obra, uma lúcida reflexão sobre os problemas sociais, cultura, política.

Nesta entrevista disserta também, extensamente, sobre a Europa e Portugal: «Estamos sempre à espera que as soluções caiam do céu, o que é paradoxal num país que teve uma fase na sua história, talvez mitificada, em que não ficava à espera que lhe trouxessem as coisas feitas, ia buscá-las.»

Foi uma criança já com olhar de pensador mas sempre que o vejo tenho a sensação de que o apanho a jogar ao berlinde ou ao pião...

Olhar de pensador é uma metáfora audaciosa. Um olhar de curiosidade, sim, como o de todas as crianças. Tive uma infância banalíssima, vivida com as coisas próprias de uma aldeia isolada no espaço e no tempo [S.Pedro de Rio Seco, Almeida]. Brincávamos ao jogo da xona (noutros sítios chama-se bilharda) e ao picachão. E ao jogo do beto, parecido com o basebol, só que a bola era de madeira de um freixo. Jogava-se basebol na minha aldeia!

Perder ou ganhar não lhe importava?

Sou masoquista mas não tanto. Gostava de ganhar. Não sou um mau perdedor, no entanto não gosto de perder. Ninguém joga para perder, era o que faltava!

São mais as coisas que tem perdido ou as que ganhou?

Todos somos condenados à perda. Aquilo a que chamamos modernidade tende, por exemplo, para que a natureza seja dominada pelo homem e perde-se a relação de harmonia com essa natureza. Descartes enunciou isso muito bem. Queremos ser os mestres, os dominadores da natureza. Estamos bem adiantados nessa domesticação. Essa será, provavelmente, a grande tragédia da nossa cultura.

A poluição está a ser também ela globalizada?

A época da globalização é igualmente a da globalização poluidora da natureza. Andamos a brincar com o fogo. Estamos a asfixiar--nos, conscientes disso e aparentemente incapazes de encontrar uma solução. Todos os dias acrescentamos um pouco de fogo a essa asfixia da humanidade por si mesma. O desafio é este: ou somos

capazes de controlar minimamente o que respiramos ou o homem está condenado. Entramos numa espécie de apocalipse lento.

O lugar de Portugal no mundo, em particular na Europa, é hoje sobretudo o da cultura?

Portugal tem uma tradição cultural de características singulares que o distinguem quer no conjunto da cultura europeia quer no contexto da cultura ibérica. Nunca esteve tão integrado na ideia de se europeizar, de se modernizar, uma ideia que existia já na geração do romantismo do século XIX e na geração de 70. O País havia perdido o ritmo mais avançado da civilização e precisávamos de nos europeizar, de aceder por nós próprios aos benefícios da primeira e da segunda revolução industrial e suas consequências; precisávamos de atualizar-nos em toda a ordem de conhecimentos, mas existiu sempre um sentimento de que o *gap* entre nós e o mundo mais adiantado se aprofundava em vez de se colmatar. Hoje já não temos essa impressão.

Otimista?

Só não estamos contentes com nós mesmos por causa deste fenómeno: os pobres chegam tarde à mesa dos ricos. Comparando, todavia, com outros países de iguais tradições, estamos sentados à mesa dos ricos, talvez a um cantinho da mesa.

Dão-nos o peixe ou só a espinha?

Dar-nos-ão aquilo que formos capazes de exigir e defender que nos seja dado pelos nossos méritos e não como quem distribui uma sopa aos pobres. Portugal, mesmo nesta fase moderna, ainda espera muito que seja de fora que lhe continuem a solucionar os problemas. Sempre à espera que as soluções caiam do céu, o que é paradoxal num país que teve uma fase na sua história, talvez muito mitificada, em que não ficava à espera que lhe trouxessem as coisas feitas, ia buscá-las. Fomos por esse Atlântico adiante e pelo Pacífico.

As caravelas regressaram...

Antes de regressarem já estavam paradas. As caravelas que têm êxito são holandesas, francesas, sobretudo as inglesas com um primeiro império europeu universal, que os portugueses de algum modo inauguraram mas que foi substituído pelo império inglês.

Esses impérios não tiveram que descolonizar?

Mas deixaram marcas indeléveis na história mundial, e nós também.

Em termos de desenvolvimento, os Pirenéus deixaram entretanto de ser uma barreira para os portugueses?

Nunca foram ou foram-no na vertente de conquistas do espírito moderno que chegaram tardiamente ao nosso país, não no campo cultural. Se pensarmos na história da poesia, sentimos que não estamos atrasados em relação a nada. Portugal é um país que tem uma espécie de bilhete de identidade quase poético.

Uma vocação lírica...

Todos os povos têm. A história cultural europeia é uma espiral, as coisas passam de uns países para os outros de modo contínuo. As modas culturais europeias, em particular no Ocidente, estiveram sempre interligadas.

O grande isolamento de Portugal foi um mito?

A grande rutura deu-se quando uma parte da Europa fez a revolução do chamado humanismo. Uma reflexão sobre a cultura e o discurso da cultura num mundo que precisava de novas armas para compreensão do mundo antigo. Apesar de tudo, acompanhámos mais ou menos essa fase, basta o nome de Camões. Depois ocorre outra, a revolução científica. Na tese de Sérgio, deu-se uma coisa sem explicação: Portugal dispunha de tecnologia e de um conhecimento

dessa tecnologia idêntico ao de outros países europeus, tinha os Pedros Nunes, mas o conhecimento científico sofria um apagamento. Perdeu-se o comboio durante muito tempo, não apenas em Portugal.

Porquê?

Em parte, por razões de ordem ideológica; todos os países da contra reforma se fecharam a esse movimento onde tudo estava ligado, das mitologias às filosofias. Por razões de ortodoxia, em especial a católica, a crítica tornou-se impossível. Só hoje estamos a recuperar e a acompanhar o que se passa nas revoluções científicas nossas contemporâneas. Depois do 25 de Abril, há uma insistência na necessidade, para nós vital, de nos atualizarmos cientificamente, e que muito deve a pessoas como Mariano Gago ou João Caraça.

Ciência e cultura formam uma unidade nem sempre estimulada?

Uma visão puramente literária ou lírica da cultura é devastadora. A ciência tem ainda esta coisa maravilhosa: é o único campo em que se ultrapassa a vaidade nacional. O sujeito da ciência não é o sujeito nacional, é o homem na sua capacidade de reflexão e de universalidade integral.

Conseguimos, apesar de tudo, andar acertados com a universalidade da tolerância de Flaubert?

Pelo menos temos o sentimento de que isso é indispensável. E de que a humanidade se define através da vontade de descobrir o mundo, de o conhecer e transformar.

Costuma dizer que o nosso país vive entre dois complexos: o da grandeza e o da inferioridade. Mantém-se essa «esquizofrenia»?

Um pouco menos. Mas isso está tão arraigado em nós que se manifesta à primeira perturbação de que a sociedade portuguesa se ressinta na ordem política ou na ordem social. O país entra em órbita.

Para onde vamos com o aumento do desemprego?

Por que é que em Portugal isso ainda não se transformou numa coisa absolutamente intolerável e com efeitos imediatos na ordem política e de contestação? Porque a sociedade portuguesa continua a ter uma estrutura de auxílio familiar que ampara uma parte dessa gente caída no desemprego. A crise, contudo, é europeia. Em França, por exemplo, desempregados, não só da pequena burguesia mas também da média burguesia, vão à sopa dos pobres. No entanto, essa gente tem a impressão de viver uma outra vida, uma vida de sonho por estar envolvida numa cultura de divertimento que passa pela televisão de manhã à noite.

Nas mais diferentes épocas, não se deram ópios ao povo?

Marx concentrava o «ópio do povo» na alienação religiosa, na religião que era, no seu dizer, a síntese de todos os ópios. Mas nesse ópio o homem pensa encontrar uma resposta que o pacifica. Julgo que Marx devia interrogar-se ainda mais profundamente sobre o «ópio do povo».

Em todo o mundo, a pobreza tem vindo a agravar-se...

Continua a haver zonas de grande miséria, franjas que são o inferno social. Mas no caso de Portugal, sobretudo nas aldeias, tivemos um país de economia puramente de subsistência, vivia-se do que as pequenas terras davam ou morria-se de fome. Muita gente teve de emigrar. Nesse aspeto, as coisas melhoraram. A crise, no entanto, é algo endémica. Volta sempre de outra maneira.

Quem somos hoje como atores da História, após uma já longínqua revolução de Abril?

Não somos atores da História e isso não nos importa nada. Como estamos todos na mesma barca, fora da História enquanto europeus, isso consola-nos.

A UNICEF aponta um crescente analfabetismo, especialmente na população feminina. Que evolução?

Infelizmente é uma realidade e não apenas em Portugal. O iletrismo em França também está a aumentar, nunca imaginei! Isso demonstra, mais uma vez, que o progresso é uma ideia aceitável, todavia ninguém sabe se a humanidade está a caminhar no sentido de uma maior perfeição. Temo que esta rápida passagem da quarta classe para espetador da televisão dê uma nova formação de analfabetismo, uma formação acrítica. Um outro abismo está hoje a ser criado entre os que se encontram nas margens dos novos meios de alfabetização e culturalização. Eu sou um analfabeto desse género.

Que diálogos devem ser exigidos ao progresso?

Não é coisa para ser decretada. A sociedade inteira, que é o sujeito do progresso, tem de pronunciar-se sobre o que é aceitável e inaceitável. Cada um deve responder.

A poluição, também um mal inevitável do progresso?

Não é de todo inevitável e andamos a brincar com o fogo. Estamos a asfixiar-nos conscientes disso e aparentemente incapazes de encontrar uma solução. Todos os dias acrescentamos um pouco de fogo a essa asfixia da humanidade por si mesma. O desafio é este: ou somos capazes de controlar minimamente o que respiramos ou o homem está condenado. Entramos numa espécie de apocalipse lento.

A sua voz é, hoje, no domínio do pensamento português, uma voz solitária na interrogação e na reflexão?

Voz solitária, não sei. Conheço é a solidão dessa voz. A nossa solidão é sempre invisível aos outros. Tenho raiva, às vezes, a esse Fernando Pessoa que inventou por meio de várias personagens a maneira de dar a volta à solidão.

Não tem razões de queixa. Todas as gerações gostam de escutá-lo...

Não sou tão narcisista que ande preocupado com o eco do que possa dizer ou escrever. A minha ideia, no geral, é de que não somos um país que escute muito alguém. Cada um está nas suas capelas. Escutam-nos uns aos outros, porém mais preocupados com a figura que fazemos do que com o interesse objetivo das coisas de que falamos. Ruben A. já nos dava essa ideia a propósito do espetáculo dos portugueses nos cafés de uma Lisboa dos anos 40 ou 50.

Vou usar uma expressão sua: *andamos sempre à procura dos ossos para transformar os mortos em coisas vivas*. No seu caso, porém, talvez não haja figura portuguesa que até hoje, em vida, tenha sido alvo de tanta homenagem. Com oitenta anos continua a andar de um lado para o outro...

Isso é por fraqueza. Por não saber dizer não a solicitações, por boa vontade e amizade. Uma consagração viveu-a o país intensamente quando Saramago recebeu o Prémio Nobel, um acontecimento muito importante e justo para a cultura portuguesa. Portugal ou o Brasil tinham já nesse tempo outros nomes igualmente nobelizáveis na prosa e na poesia.

Há uma crise de pensadores em Portugal?

Antigamente não existia a sociedade espetáculo. Nos académicos havia mesmo um certo pudor em falar de conhecimento. Agora é ao contrário, as pessoas invadiram o espaço público e tem-se a ideia de que toda a gente pode pronunciar-se sobre todas as matérias, basta saber ler e escrever... O País, aliás, está coalhado de universidades. O acesso a mais formação cultural faz parte do processo de democratização, mas não há um equilíbrio. Precisamos saber quem dentro dessa nova massa social que são os estudantes é, de facto, o fermento que revoluciona o conhecimento e a sociedade.

Que diz da atual paisagem cultural portuguesa?

De uma maneira geral, nos diversos campos da cultura, Portugal atravessa um momento diversificado e muito criativo. É claro que nem todos são escritores criativos como se imaginam. Viveu-se um tempo castrador de nós próprios, as pessoas tinham pudor em aparecer como romancistas ou poetas, atualmente é o inverso. Prefiro, contudo, esta segunda fase à primeira, porque aparecem coisas inesperadas. Mas a paisagem cultural não é pensar que estamos hoje rodeados de Camões e de Giles Vicentes. Nem todo o canto é canto, apesar de haver produção e criação.

É um búzio cheio de pensamentos?

A imagem é muito bonita. Foi das coisas que mais me fascinaram na minha infância. Havia uns búzios naquela terra que não tinha mar e o búzio causava-me a mesma emoção do rumor do vento, como se fosse um tempo que nos está sussurrando qualquer coisa que não somos capazes de interpretar.

Por que defende que os críticos são parasitas da obra alheia?

Há duas formas de parasitas: uns que se instalam na obra para se alimentarem dela, não para a iluminar; outros que também são parasitas mas parasitas felizes, sobretudo quando têm a impressão

de que escutaram a tal voz vinda do búzio que não tinha ainda sido percebida ou traduzida de uma certa maneira. Mas nunca substitui a voz dos poetas; a voz dos poetas é a original, a «palavra essencial» como diz Casais Monteiro.

**Segundo Hegel, «cada sociedade tem a justiça que merece.»
Como vê a justiça portuguesa?**

Os sentimentos de justiça e de injustiça são primordiais e fundadores da sociedade. A justiça é uma instituição que está ao serviço da lei, da legalidade. As acusações de casos de pedofilia puseram, claro, o País à beira de um ataque de nervos. Compreendo que isto tenha sido uma espécie de tremor de terra moral. Agora, o que o país quer é que a justiça, a justiça de um regime democrático, dê uma resposta e que essa resposta seja um exemplo de justiça.

Nas suas análises procura ver os dois lados da medalha. Há sempre «duas razões»?

O que se alterou nestes últimos anos da minha vida talvez se prenda com o discurso de apologia da dúvida, porque a dúvida também é um ídolo. O homem não está no absoluto, se estivesse nem podia respirar. A nossa primeira inscrição, no entanto, é no positivo, no sol, na luz. Se o sol excessivo nos fere então é que vem a sombra para nos proteger. Julgamos estar numa espécie de contestação permanente a tudo e a todos, esse é um jogo muito infantil. Não estamos. O que estamos é passando sempre de certeza a certeza.

Não assume o princípio da relatividade das coisas?

Não é a relatividade das coisas, é a relatividade da nossa opinião sobre as coisas. A vocação ontológica do espírito humano é a de estar na verdade. Como a vocação do amor. A vocação do amor não é o desamor. O amor eterno, por definição, ou é ou não é. Se na prática não é, esse será outro aspeto. Mas se a vivência amorosa tem algum

sentido, ela só terá sentido enquanto tiver essa componente eternizante dentro dela.

Fez algum juramento de amor?

Se fosse só um!

No juramento de bandeira, como se sentiu?

Eu não sei, mas o público ficou comovido. Fiz chorar a reitora do liceu, contaram-me depois. Já tinha vocação!

Quais os tempos de que Eduardo Lourenço tem mais saudades?

Os que virão e onde eu não estarei.

«Cada nação europeia cultivou o sonho de ser uma América»

Como irá ser uma Europa gerida a 25?

A história estava a fazer-se a um ritmo lento porque se pensava que a União Soviética ia continuar a ser uma ameaça para a tradição capitalista ou social-democrata da Europa. A Europa foi feita para resistir. De repente, cai o Muro de Berlim e ficou sem adversário contra o qual se ia construindo. Fez uma fuga para a frente que vai ser difícil de gerir. Mas, das duas, uma: ou se encontra uma solução para gerir esta Europa ou voltamos ao que foi sempre o sonho dos ingleses, o de que a Europa não seja mais do que uma nova EFTA. A Europa já se teria feito há muito se obedecesse a táticas e modelos caros à Inglaterra. Mas a Europa vai-se fazer, integrando, na medida do possível, as suas diversas tradições; em parte, está feita.

Uma vez ferido o Pacto de Estabilidade e Desenvolvimento, de que modo irá Portugal sair-se dessas «contas» com todas as suas inflações?

O caso em si não me parece extremamente grave, o que julgo grave na rutura deste Pacto de Estabilidade é o exemplo que dá no plano ético e que poderá ter consequências políticas desastrosas se os outros o seguirem. Se numa construção política não houver um pacto, não se pode ir para a frente. Que lei nos governa? Não creio, porém, que venha a ter grandes consequências. Poderá ter favorecido Portugal mas o nosso país não tem de estar de má consciência.

A Rússia está a emergir para se afirmar de novo como uma potência com voz ativa?

É um dos maiores países do mundo. Vai querer restabelecer-se em função da sua história, da sua memória. Seria estranhíssimo que não acontecesse assim.

Voltar à via do comunismo?

Não. Talvez uma via de compromisso entre autoritarismo e democracia. Putin é isso, uma navegação entre a tradição autocrática e autoritária e a inscrição no horizonte da democracia que passou a ser paradigma mínimo na vivência política das sociedades modernas.

O rumo da mundialização poderá ser alterado com Putin?

Por enquanto, não. Mas parece insólito que a Europa se alargue aos antigos países do Leste de tutela soviética como se a Rússia não existisse. A Rússia é Europa e essa Europa, a meu ver, tem de ir até ao fim. Como é possível pensar-se que a Turquia entre primeiro na União Europeia do que a própria Rússia, como é possível que a pátria de Tolstoi e Dostoievski fique fora da definição da Europa?

Inevitável outra “guerra fria”?

A entrada da Rússia na UE seria precisamente para que a guerra fria não tivesse mais lugar. E para que os EUA não possam ter mais a veleidade de uma outra forma subtil de quererem dominar o mundo.

Existem na Rússia importantes reservas de petróleo e gás...

E os americanos não andam a dormir na forma... Fazem a corte permanentemente. Agora, se os EUA ainda põem mais a mão nisso, então... Se a Europa fosse uma nação, o problema não se punha, mas a Europa está longe de ser uma nação. Cada uma das nações europeias considera que não precisa de ser mais nada do que é. Mesmo o federalismo não encontra grande entusiasmo no interior dessas nações porque é visto como uma espécie de grande Suíça e nós detestamos essa perspectiva de Suíça.

Continua a falar de uma Europa desencantada?

Porque a Europa não é ninguém como ator político no sentido próprio do termo. Cada nação europeia cultivou como pôde o sonho de ser América. A França quis dominar o mundo com Napoleão. A Alemanha quis dominar o mundo com Guilherme e com Hitler. A Espanha já o tinha dominado. A Europa, no entanto, não pode tornar-se uma América por razões muito simples de ordem cultural e sobretudo linguística. A Europa é uma pluralidade de línguas e cada língua é uma nação.

Europa e EUA têm influências mútuas até por razões de acontecimentos históricos...

Naturalmente que sofremos a influência da América tal como esta se encontra cheia de Europa. Até os africanos foram europeizados na América. Foram os europeus que ofereceram aos EUA a ocasião de ascenderem, merecidamente, ao primeiro balcão da História. Só que

a América construiu um código cultural e um código político diferentes; são estados que, mesmo se feitos de bocados transportados do mundo inteiro, formaram uma coerência sociológica e têm de comum a língua. Por um lado, a Europa até pode estar mais unida do que os EUA, os europeus até podem ser mais coerentes do que a América, mas somos uma coerência que, em termos de ordem política, é uma coerência de impotência. Está a ver-se a dificuldade em criar-se um projeto coletivo para a Europa.

Faliu o sonho coletivo europeu?

Exato. Havia um sonho de universalidade. Nunca se verificou um pensamento mais universalizante do que a ideia criada pela cultura do romantismo. A Alemanha de Goethe é isso.

Uma Alemanha que também deu um exterminador...

Deu um Hitler quando essa força cultural imensa que é a Alemanha do século XIX e princípio do século XX foi mal vencida na Primeira Guerra Mundial e lhe foi imposto o Tratado de Versalhes. Entrou no ressentimento. Hitler não podia ser o Hitler se não fosse um homem de um País de uma grande cultura e mesmo na ordem económica. Mussolini também foi isso.

Admite que a captura de Saddam Hussein fará mudar o xadrez do Médio Oriente e as opções dos EUA e seus aliados?

Já mudou mas não se sabe em quê, a começar pelos EUA e as suas relações com a Europa, particularmente com a França.

Há uma crise de ideologias?

O conceito não tem hoje a força e a vivência que se notou até ao fim da guerra fria, Não é que a ideologia não exista, não pode deixar de existir. Mas, o que substitui atualmente as opções ideológicas fortes

que existiram até à queda do Muro de Berlim? As grandes opções deste momento oscilam entre uma nova ordem do mundo tal como os EUA a representam e uma nebulosa que são os movimentos alternativos ditos genericamente antiglobalização.

Sente-se americano ou europeu?

Simplesmente europeu, por isso mesmo nada antiamericano.

Numa Europa marcada pelo cristianismo, uma laicização será pacífica?

A laicidade é a definição de um campo aberto que não é forçosamente antirreligioso.

Tem uma vasta obra ensaística, analítica, atravessada por um discurso poético. Sei que publicou um poema aos vinte e poucos anos. No fundo, é um poeta?

Gostava de ser mas não sou. Esse poema sabia muito a Régio. Se algum português que saiba ler e escrever nunca fez um poema é porque não é português.

Cultura, a melhor forma de nos redirmos?

Nunca tive um discurso idolátrico da cultura. Sempre pensei que a cultura é um lugar da consciência contra as tentações idolátricas e uma dessas idolatrias é a da própria cultura, porque a idolatria é que nos é natural. A anti-idolatria, essa é que tem de ser conquistada. E termos consciência de que tudo o que sabemos não passa de uma gota de água.

É-lhe útil a ironia e a capacidade que tem de rir ao mesmo tempo que fala de coisas sérias?

A minha passagem pelo Colégio Militar deu-me essa característica. Íamos para ser educados para militares mas a infância é anárquica, rebelde, e ficou-me sempre isso.

Por que declinou um convite para ministro da Cultura?

Seria um desastre. Tenho uma incapacidade para a ação, uma coisa quase patológica. Devo gostar tanto de política como o atual ministro da Cultura (Pedro Roseta), por quem tenho muito apreço, um homem culto, talvez com excesso de modéstia, o que é a definição do antipolítico.

Tem consciência de que logo com o seu primeiro livro, *Heterodoxia* (1949), ajudou a mudar muitas mentalidades?

O País era um tal sufoco que uma parte da minha geração reconheceu-se nesse pequeno grito de Ipiranga. Os livros não são em si as coisas, são o momento, a situação.

Diz que é um «místico sem fé». Como vive um místico sem fé?

Não vivo a fé como uma certeza nem como estando na posse da verdade, mas sim como desejo dessa verdade.

Fez uma introdução a um salmo...

A Bíblia é o maior repositório simbólico e ético do Ocidente.

Como vê uma Igreja que perante milhões de pessoas a morrer de sida insiste na mensagem do não uso do preservativo?

É uma mensagem de princípio mas particularmente infeliz quando se traduz na condenação de milhões de pessoas.

Em Vence (França), onde vive, é «vizinho» da Capela de Matisse. Um dos seus pintores eleitos?

Aproximei-me de Matisse pouco a pouco. É hoje considerado o pintor mais puro do século XX, uma simplicidade quase inatingível. Mas a minha primeira grande descoberta foi Klee, um deslumbramento. Se tivesse, no entanto, de escolher só um pintor, seria Rembrandt.

Cinema, outra paixão?

Sou um cinéfilo de marca maior. Woody Allen é uma personagem que me mimetiza. Tudo o que gostava de vir a ser um dia era Woody Allen!

Um livro?

A Morte de Ivan Ilich (de Tolstoi), uma obra-prima absoluta, um texto que não tem uma ruga.

Plantou árvores, escreveu livros, tem um filho e netos. Que lhe falta?

Reconciliar-me comigo mesmo.

© MARIA AUGUSTA SILVA